

PROJETO TEMPO COMUNIDADE: UMA PROPOSTA DE DESENVOLVIMENTO DA ALTERNÂNCIA NO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

COMMUNITY TIME PROJECT: A PROPOSAL FOR THE DEVELOPMENT OF ALTERNATION IN THE COURSE OF DEGREE IN RURAL EDUCATION

Patrícia Sara Lopes Melo¹

Luana Vieira de Sousa²

Maria Raquel Barros Lima³

RESUMO: A presente comunicação tem como objetivo discutir sobre a realização do projeto de Tempo Comunidade, desenvolvido em alternância com o Tempo Universidade, nos cursos de Licenciatura em Educação do Campo - LEDOC. O ponto de partida para discussão emerge na LEDOC, da Universidade Federal do Piauí, *campus* de Picos, especificamente, no componente curricular História, Identidade e Memória dos Povos do Campo, em que é proposto aos discentes à elaboração e execução de um projeto de pesquisa, mediante articulação entre os conhecimentos acadêmicos e os saberes do campo, com o intuito de valorizar a cultura camponesa. Para tanto, foi explicitado para os mesmos a História Oral como procedimento metodológico orientador das pesquisas. Eis alguns dos teóricos que fundamentam as discussões: Caldart (2009), Fernandes e Molina (2005), Nosella (2013) Arroyo (2013) e outros. Como resultados dos projetos são produzidos documentários, narrativas fotográficas, registros escritos e relatos de experiências. A discussão sobre a relevância do desenvolvimento do Tempo Comunidade nos cursos de LEDOC representa a compreensão da pertinência em articular os conhecimentos acadêmicos com os saberes camponeses, levando em consideração o trabalho coletivo no planejamento e execução das atividades.

Palavras-chave: Educação do Campo. Alternância. Tempo Comunidade.

ABSTRACT: The purpose of this communication is to discuss the realization of the Community Time project, developed in alternation with the Time University, in the courses of Degree in Rural Education - LEDOC. The starting point for discussion emerges in the LEDOC, of the Federal University of Piauí, campus of Picos, specifically, in the curricular component History, Identity and Memory of the Peoples of the Field, in which students are proposed to the elaboration and execution of a research project, through articulation between the academic knowledge and the knowledge of the field, with the purpose of valorizing the peasant culture. In order to do so, Oral History was explained as a methodological procedure that guided the research. Here are some of the theorists who base the discussions: Caldart (2009), Fernandes and Molina (2005), Nosella (2013) Arroyo (2013) and others. Documentaries, photographic narratives, written records and reports of experiences are produced as projects' results. The discussion about the relevance of the development of Community Time in LEDOC courses represents an understanding of the relevance of articulating academic knowledge with peasant knowledge, taking into account the collective work in the planning and execution of activities.

¹ Professora do curso de Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza, da Universidade Federal do Piauí, Campus de Picos-PI. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí. Teresina-PI/Brasil.

² Professora da Educação Básica, da Secretaria Municipal de Educação de José de Freitas-PI. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina-PI/Brasil.

³ Professora da Educação Básica. Secretária da Associação Regional das Escolas Famílias agrícolas do Piauí. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina-PI/Brasil.

Keywords: Educator from the countryside. Alternation. Community time.

INTRODUÇÃO

A escrita deste texto aborda questões relativas ao projeto de Tempo Comunidade desenvolvido no Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEDOC, da Universidade Federal do Piauí, *campus* Senador Helvídio Nunes de Barros/Picos-PI, por meio da pedagogia da alternância, compreendida como ferramenta metodológica que possibilita aos discentes em períodos alternados, experiências de estudos na universidade (Tempo Universidade) e desenvolvimento de projetos e vivências na comunidade de origem dos discentes (Tempo Comunidade). No referido contexto, a alternância exerce a função de método exequível tanto a consolidação da educação do campo, quanto ao processo formativo dos discentes, possibilitando que teoria e prática estejam articuladas tornando as experiências cotidianas, a cultura e as lutas dos povos camponeses em conhecimentos necessários à formação do educador da escola do campo.

O Tempo Comunidade via alternância torna-se imprescindível para formação dos educadores do campo, propiciando aos discentes conhecer e valorizar a cultura local, bem como favorece a produção e ampliação de conhecimentos, despertando a consciência crítica, ou seja, a formação na alternância é contínua. Nesse sentido, o campo configura-se como um espaço histórico de disputa tanto pela educação quanto pela terra e os povos camponeses são os sujeitos de direitos desde “os camponeses, incluindo os quilombolas, sejam as nações indígenas, sejam os diversos tipos de assalariados vinculados à vida e ao trabalho no meio rural” (KOLLING; NERY; MOLINA, 1999, p. 26).

No primeiro momento será apresentado a pedagogia da alternância como uma opção metodológica, intrínseco à formação docente nos Cursos de Licenciatura em Educação do Campo, considerando que a alternância proporciona uma formação contínua em diferentes espaços e tempos. Em seguida, pretende-se socializar as experiências obtidas durante o Tempo Universidade no componente curricular História, Identidade e Memória dos Povos do Campo na LEDOC, no qual foi proposto para os discentes, no Tempo Comunidade, à elaboração e execução de um projeto de pesquisa sobre a realidade local.

1 Pedagogia da Alternância e a Educação do Campo

A Pedagogia da Alternância surge no Brasil através do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo - MEPES, nas Escolas Famílias Agrícolas Capixaba, na década de 1968, com a proposta de desenvolver uma prática educativa capaz de ultrapassar o modelo tradicional de educação urbana que era imposto à escolas rurais. A alternância enquanto método

promoveria uma educação integral e significativa cumprindo um papel de qualificação profissional para o fortalecimento e desenvolvimento da agricultura camponesa, diminuição da migração campo/cidade, mediante oportunidades de permanecer no campo.

Nosella (2013) relata que o surgimento da pedagogia da alternância está entrelaçado ao Movimento das Escolas da Família Agrícola francesa, que nos remete à Casa Família Agrícola (*Maison Familiale*) fundada na França em 1935 pelo Padre Granereau, cujo objetivo era propiciar aos filhos de camponeses uma formação escolar que lhes era negada pelo Estado, devido à ausência de políticas públicas voltadas para o meio rural. Neste contexto, surge a escola em alternância firmada a partir da parceria entre o sacerdote e os agricultores, a proposta escolar consistia em organizar os jovens em pequenos grupos que “permaneceriam unidos alguns dias por mês, em tempo integral, para logo em seguida voltarem à sua propriedade agrícola” (NOSELLA, 2013, p. 47).

O ensino era voltado para a formação técnico-agrícola, acrescido pelos princípios religiosos com ênfase na redescoberta da cultura e valores do campo. A alternância ocorria em dois momentos: tempo na escola, em que os alunos eram coordenados por um técnico agrícola, num espaço cedido pela paróquia; e o tempo na família, que consistia no acompanhamento das atividades complementares do tempo na escola pela família. Outro aspecto importante a ser destacado nessa experiência educacional era a proximidade com os sindicatos rurais e as ações católicas. Esse período possibilitou a elaboração de literatura pedagógica retratando as experiências com a alternância, como um método para educação dos camponeses.

A proposta metodológica das Escolas Famílias Agrícola-EFAs e dos MEPES no Brasil seguiu nos moldes franceses, visando organizar e promover um processo ensino-aprendizagem que contemplava experiências concretas relacionadas à vida em comunidade e ao meio ambiente, bem como uma formação profissional reflexiva e crítica em relação aos aspectos econômicos, políticos e sociais (GIMONET, 1999). Assim, a pedagogia da alternância tornou-se o método propício para construção de um modelo de educação para as escolas do meio rural, adotando um plano pedagógico cuja função primordial era “proporcionar à reflexão seu ponto de partida, isto é, a vida ou a experiência real: a vida da família e da comunidade de cada aluno representa o ponto de partida da educação nas Escolas-Família” (NOSELLA, 2013, p. 85). O modelo pedagógico adotado pelas EFAs objetivava a construção de saberes direcionados à transformação social, à valorização da cultura camponesa. Assim, a pedagogia da alternância vem permitir a articulação entre os saberes oriundos do ambiente de trabalho na comunidade rural e os saberes apreendidos na escola.

Explicitar sobre as EFAs e o surgimento da pedagogia da alternância enquanto método educativo desvela as nuances do atual projeto de educação do campo, concebida no interior dos movimentos sociais, especialmente, no Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), das

entidades, representações civis e dos sujeitos do campo, defendida como sendo um espaço de particularidades e matrizes culturais repleto de possibilidades políticas, formação crítica, resistência, identidades, histórias e produção das condições de existência social (FERNANDES; MOLINA, 2005).

Compreendida como sendo uma prática educativa, social e coletiva, a Educação do Campo elege a proposta de pedagogia da alternância para a construção de um modelo educacional interdisciplinar, que possibilite a reflexão crítica fazendo emergir novos objetivos e novos métodos através de um fazer educativo inovador, capaz de suplantar o monólogo e instaurar uma prática dialógica (FAZENDA, 1991), considerando em seu bojo uma compreensão do campo não só como espaço geográfico, mas como espaço de possibilidades e desenvolvimento no e do campo.

1.2 Projeto Tempo Comunidade: relato de experiência

Diante das especificidades que permeiam o desenvolvimento da LEDOC, orientado pela pedagogia da alternância, emerge o desafio de construir um projeto de Tempo Comunidade que fosse capaz de ser interdisciplinar e contextualizado com a realidade dos discentes do Curso. A proposta de alternância torna-se viável devido a dinâmica do curso, estabelecida por seu projeto pedagógico que define “uma divisão entre os espaços educativos, tendo como base o tempo-comunidade e o tempo-escola, além de uma interligação entre estes dois momentos” (PROJETO..., 2013, p. 31), o tempo universidade, compreendido pelo tempo na universidade para cursar as disciplinas, já o tempo comunidade é marcado pela realização de atividades na localidade do aluno. Segundo, a pedagogia da alternância se apresenta como alternativa didático-pedagógica que intercala o tempo universidade e o tempo comunidade, sem que estes ocorram de forma fragmentada, respeitando o tempo e o modo de vida camponês, em que o mesmo tenha direito à escolarização, sem que precise abandonar seu espaço de vivência.

É um desafio desenvolver um projeto de Tempo Comunidade interdisciplinar, coletivo e contextualizado, se levarmos em conta que a LEDOC traz diferentes áreas de conhecimento em seus componentes curriculares. Essa interdisciplinaridade se torna mais difícil quando os docentes são de áreas de formação diferentes, como é o caso da LEDOC/Ciências da Natureza, da UFPI, que tem em seu corpo docente profissionais das seguintes áreas: Pedagogia, Biologia, Química, Física, Filosofia. Essa diversidade de profissionais trouxe o desafio de pensar coletivamente, na possibilidade de construir um projeto que desse conta de todas as áreas do conhecimento e que ainda fosse articulado aos saberes camponês.

A construção coletiva de um projeto, pensada a partir de seus sujeitos, gera disputa e até resistências entre os pares, pela tentativa de disputar espaço para sua área de conhecimento e/ou pelo desconhecimento da área dos demais envolvidos. Como diz Arroyo (2013, p. 9), o currículo é

um “território de disputas por reconhecimentos nossos e dos estudantes”. Há uma busca em imprimir no currículo aquilo que consideramos ser o melhor para o processo de ensino e aprendizagem. Nesse caso, a prática educativa, advinda do projeto curricular, mais adequada foi a que o coletivo docente avaliou como mais próxima da realidade dos educandos, havendo, portanto, uma identificação entre eles.

Em meio aos encontros docentes, o projeto de Tempo Comunidade foi intitulado “Piauí em evidência: paisagens, história, memória e cultura dos povos do campo”, tendo como orientação os seguintes objetivos: Realizar registro histórico, paisagístico e cultural do campo no estado do Piauí; Catalogar o patrimônio cultural material e imaterial dos povos do campo no estado do Piauí; Divulgar a história, paisagem e cultura camponesa do Estado do Piauí através de mídia digital e impressas, exposições e palestras. Vale lembrar que o território de investigação não abrange todo o estado do Piauí, pois se nas localidades dos discentes do Curso, que, em sua maioria, residem na região do semiárido piauiense.

A escolha desses objetivos emergiu da jovialidade do Curso, que teve o ingresso de sua primeira turma em julho de 2014. Além disso, era necessário um projeto que permitisse aos docentes conhecer as potencialidades da região e reconhecimento da realidade camponesa da região, objetivando articular saberes da academia com saberes camponeses, valorizando a cultura e identidade dos educandos. Essas visitas às comunidades ganharam o tom de diagnóstico para novas pesquisas e entender quais os anseios dos discentes para com o Curso.

A realização desse projeto foi justificada pelo entendimento da necessidade de trabalhar com cultura e paisagem popular, que significa resgatar a identidade de uma região, valorizar aspectos específicos de cada localidade e grupo populacional. Registrar, documentar e trabalhar com as paisagens, histórias, memórias e culturas do Piauí é um importante trabalho de conservação/preservação de nosso patrimônio cultural material e imaterial.

Com vistas a viabilizar a execução do projeto Tempo Comunidade, de modo que contemplasse a participação de todos os docentes e respectivamente suas áreas de conhecimento, o desenvolvimento do tempo comunidade se configura em torno de três Eixos, são eles: Eixo 1: Cultura, Memória, Identidade e Conhecimento tradicional; Eixo 2: Ensino de química, física e biologia nas escolas do campo; Eixo 3: Estágios Supervisionados nas diferentes áreas, acrescidas pelo projeto de intervenção. Neste texto nos concentramos no relato sobre o desenvolvimento do primeiro eixo, que tem por objetivo construir um acervo paisagístico, histórico, cultural do Piauí, a saber: banco de histórias de vida; documentos impressos e manuscritos; fotografia e vídeo.

Para o alcance de tais atividades era necessário planejar com os discentes e dispor aos mesmos um plano de trabalho e um modelo de projeto, que especificasse pontos referentes à estrutura do texto, fundamentação teórica e procedimentos metodológicos na produção dos dados, acrescidos pela motivação da criatividade no desenvolvimento do projeto. Foi necessário

esclarecer aos discentes que não bastava só a elaboração dos instrumentos de pesquisa, mas era preciso o reconhecimento de sua comunidade e de seus sujeitos, pois era perceptível que alguns dos discentes desconheciam a origem de sua localidade.

O primeiro contato com as comunidades foi realizado pelos alunos, em que fizeram o levantamento das histórias/memórias, bem como a seleção dos interlocutores para a pesquisa. Em seguida, os docentes foram até as comunidades para conhecer o lócus de investigação e esclarecer para os sujeitos a importância do projeto e o valor de seus relatos e experiências tanto para a comunidade que residem com para a academia e as pesquisas. Essa aproximação entre docentes, discentes e comunidade trouxe mais confiança a todos. Para os docentes, trouxe o sentimento de aceitação do trabalho e pertencimento na comunidade. Para os discentes, revelou a certeza de que são capazes de fazer pesquisa e para os sujeitos do campo, expressos em seus relatos, o sentimento de valorização em descobrir que eram os protagonistas das histórias/pesquisas.

Arroyo (2013, p. 41) destaca que “os coletivos vistos e tratados como inferiores em nossa história intelectual e cultural vêm afirmando suas memórias e culturas, seus saberes, valores, afirmando sua presença positiva na produção intelectual, cultural, artística e literária”. As histórias dos comuns, antes ignoradas, passam a ganhar espaços nas pesquisas sociais e é nossa tarefa, enquanto docente, promover a conscientização dos povos e da sociedade para reconhecimento de sua história.

Como orientação metodológica, os trabalhos foram fundamentados com base na História Oral, que se trata de um “procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre História em suas múltiplas dimensões [...]” (DELGADO, 2010, p. 15). Derivada da Nova História Cultural, a História Oral permitiu o reconhecimento de realidades históricas há tempos silenciadas pelos pesquisadores, vindo legitimar os estudos com a oralidade como documentos/fontes da história, consentindo que os estudiosos desenvolvessem pesquisas como as (auto)biográficas mediante a reconstrução das memórias.

A História Oral foi definida para os discentes como sendo uma metodologia de pesquisa que contribuiria na produção dos dados/fontes. A partir desse entendimento, docentes e alunos se concentraram para a produção dos instrumentos de pesquisa, dentre os instrumentos tivemos a entrevista, que foi orientada pela elaboração de um roteiro contendo questões abertas, para que o entrevistado pudesse narrar sua história sem interrupções.

Os dados produzidos no projeto de Tempo Comunidade trouxeram a confirmação que a História Oral era o método mais adequado para nossos estudos, naquele momento, devido à interdisciplinaridade aliada à variedade de fontes alcançadas. Ao encontro disso, Delgado (2010, p. 16) afirma que a História Oral “move-se em terreno interdisciplinar, já que utiliza muitas

vezes música, literatura, lembranças, fontes iconográficas, documentação escrita, entre outras, para estimular as memórias”. Essa afirmação ganhou notoriedade no momento das gravações, quando percebemos que os interlocutores lançavam mão de objetos pessoais para rememorar histórias. Por isso, foi importante antes de iniciar a gravação criar um ambiente agradável para a entrevista e colocar os objetos de significação próximos aos interlocutores, para que eles pudessem fazer uso no momento do relato.

Finalizada a produção dos dados, era necessário o registro escrito das experiências, fundamentados pela articulação dos saberes do tempo comunidade com os conhecimentos alcançados no tempo universidade. Pois, consideramos que só a produção dos documentários não era o suficiente para incitar nos educandos o interesse pelo mundo da escrita/pesquisa. E, como componente avaliativo do tempo comunidade os discentes deveriam apresentar suas pesquisas no seminário integrador do Curso, que acontece em todo início de período, organizado pelos corpos docente e técnico do curso de Licenciatura em Educação do Campo, do referido *campus*.

Considerações Finais

O intuito deste texto foi discutir sobre a pertinência da realização do projeto de Tempo Comunidade nos cursos de LEDOC, em que foi possível constatar que o desenvolvimento de tal projeto precisa ser pensado a partir da realidade dos educandos e planejado de forma coletiva pelo corpo docente, com objetivo de articular os saberes camponeses com os conhecimentos acadêmicos. A educação do campo se apresenta como espaço de diversidade de saberes, práticas e possibilidades investigativas. Mas, essa compreensão de educação do campo só é possível mediante a desmistificação do estereótipo de atraso que recai sobre o meio rural e seus sujeitos, decorrente de um legado histórico marcado pelo silenciamento da história dos comuns, pela negação do direito à escolarização, pela ausência de políticas públicas pensadas a partir do modo de vida camponês. A luta pela superação desse estigma e em defesa de políticas públicas para os povos do campo deve-se às reivindicações e resistências dos movimentos sociais, entidades sindicais, educadores e camponeses.

Portanto, a construção do conhecimento perpassa pelo reconhecimento da diversidade das formas de conhecer. O conhecimento tem como um dos seus principais critérios de validade não mais os paradigmas da ciência moderna somente, mas sua capacidade de efetividade em dada realidade local. Desse modo, fica ainda mais explícita a dimensão sociopolítica das investigações em torno da educação do campo, entendida como a proposta de um conhecimento prudente.

Discutimos anteriormente sobre a pedagogia da alternância, enquanto método educativo realizável para os cursos de LEDOC, por se fundamentar na alternância de dois momentos, tempo universidade e tempo comunidade, garantindo aos sujeitos do campo escolarização, mas sem o

abandono de sua localidade. Vale ressaltar que a pedagogia da alternância não é o único e/ou melhor método para a educação do campo, mas, diante das experiências, se apresenta no contexto atual como uma alternativa possível.

Referências

- ARROYO, M. G. **Currículo, território em disputa**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- DELGADO, L. de A. N. **História oral: memória, tempo, identidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. 3. ed. v. 13. Coleção Educar. São Paulo: Loyola, 1991.
- FERNANDES, B. M.; MOLINA, M. C. **O Campo da Educação do Campo**. Mimeo, 2005.
- GIMONET, J. C. Nascimento e desenvolvimento de um movimento educativo: as Casas Familiares Rurais de Educação e Orientação. In: Seminário Internacional da Pedagogia da Alternância: Alternância e Desenvolvimento, 1999. **Anais**. Salvador: UNEFAB, 1999, p. 39-48.
- NOSELLA, P. **Origens da Pedagogia da Alternância no Brasil**. Coleção Educação do Campo. Espírito Santo: EDUFES, 2013.
- PROJETO Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo**. Universidade Federal do Piauí. Ciências da Natureza. Picos, 2013. Digitado.